

# OS DESAFIOS DE EDITAR A *GRAMATIQUINHA DA FALA BRASILEIRA*

Aline Novais de Almeida

## RESUMO

Este artigo apresenta os desafios em torno do processo editorial para publicação do manuscrito inacabado de *A gramatiquinha da fala brasileira*, de Mário de Andrade (1893-1945). Sob minha organização, a edição é uma iniciativa do Itamaraty, por meio de sua representação diplomática junto à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), em parceria com a Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG) e o Instituto Guimarães Rosa (IGR). Esse estudo do modernista sobre a língua portuguesa falada no Brasil ganhou uma nova edição justamente em 2022, ano em que duas importantes efemérides marcam o país.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mário de Andrade, *A gramatiquinha da fala brasileira*, manuscrito, edição, inacabamento.

## ABSTRACT

This article presents the challenges surrounding the editorial process for the publication of the unfinished manuscript "A gramatiquinha da fala brasileira" by Mário de Andrade (1893-1945). Under my organization, the edition is an initiative of the Brazilian Ministry of Foreign Affairs, through its diplomatic representation to the Community of Portuguese Language Countries (CPLP), in partnership with the Alexandre de Gusmão Foundation (FUNAG) and the Guimarães Rosa Institute (IGR). This study by the modernist on the Portuguese language spoken in Brazil received a new edition precisely in 2022, a year in which two significant milestones mark the country.

**KEYWORDS:** Mário de Andrade, "A gramatiquinha da fala brasileira," manuscript, edition, unfinished.

*Eu não disse sejamos brasileiros. Eu fui. Eu não falei: escrevamos brasileiro. Eu escrevi. Se alguma coisa me orgulha é o poder intelectual maravilhosamente feliz com que eu cumpro os mandamentos da minha fé.*

(ANDRADE, 2022, p. 66)

Em 2022, por iniciativa do Itamaraty, por meio de sua representação diplomática junto à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), foi publicada a edição de *A gramatiquinha da fala brasileira*, de Mário de Andrade (1893-1945). Sob minha organização e curadoria, o volume fez jus às comemorações de duas efemérides brasileiras: o centenário de Semana de Arte Moderna e o bicentenário da Independência do Brasil. Essa última, aliás, torna-se também uma coleção de livros – “Bicentenário: Brasil 200 anos – 1822-2022” – produzida pela Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG), órgão do Ministério das Relações Exteriores (MRE). Nessa empreitada, houve ainda a participação do recém-criado Instituto Guimarães Rosa (IGR), igualmente vinculado ao MRE, que tem como missão a difusão do idioma português falado no Brasil e a promoção da cultura brasileira no exterior.

Diante dessas considerações, percebe-se que a escolha do Itamaraty em editar *A gramatiquinha* foi acertada. A obra, apesar de pouco conhecida do grande público, representa uma série de anseios tanto dessas festividades nacionais quanto do próprio MRE. Como se sabe, a autoria pertence a um dos vultos do modernismo, que desempenhou uma participação efetiva na Semana de 22 e no próprio Movimento Modernista. Esse manuscrito inacabado, que agora se faz uma publicação, contempla, em linhas gerais, um estudo sobre a língua portuguesa falada no Brasil, pautado pelo viés do nacionalismo crítico, que se afasta de ideologias ufanistas ou patrioteiras.

O objetivo de Mário com sua *Gramatiquinha* consiste em compreender os aspectos linguísticos, psicológicos e poéticos do português brasileiro, a partir de uma recolha documental, sobretudo erudita, mas com uma parcela de oitivas que flagra fenômenos linguísticos fora dos livros. Essa pesquisa delinea uma valorização da entidade linguística brasileira, que reflete “um gesto precursor, já que indica um ponto de vista pluricêntrico da língua portuguesa” (ALMEIDA, 2022, p. 19). Embora não tenha sido publicado em vida e mantenha um estado de inacabamento, os originais do estudo ficaram guardados no arquivo do escritor. Como arquivista de si, em geral, o modernista tem como *modus operandi* preservar os manuscritos dos seus trabalhos que não se formalizam por meio do impresso ou que ficaram parcialmente inéditos.

A proposta editorial do Itamaraty não é a primeira a tornar pública *A gramatiquinha da fala brasileira*. Antes, Edith Pimental Pinto (1924-1992), professora da área de Filologia e Língua

Portuguesa da Universidade de São Paulo, havia defendido, em 1982, sua tese livre-docência sobre esse manuscrito. A pesquisadora escreve um longo ensaio, como também realiza uma montagem dos originais, que visa preencher as lacunas que o projeto do autor possui. Em 1990, a tese de Edith se transformou na publicação *A gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto* (São Paulo: Duas Cidades; Secretaria de Estado da Cultura). Anos mais tarde, defendi meu mestrado, em 2013, na área de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo, acerca do mesmo manuscrito. Orientada por Telê Ancona Lopez e com bolsa da FAPESP, a dissertação intitulada *A edição genética d'A gramatiquinha da fala brasileira de Mário de Andrade* compreende uma concepção editorial amparada pelos pressupostos da crítica genética em diálogo com a codicologia e a arquivística, diferenciando-se, assim, da ordenação realizada pela docente nos anos de 1980.

Diferentemente desses trabalhos acadêmicos citados, a FUNAG promove uma edição d'*A gramatiquinha* para todos os interessados, a qual não se restringe à comunidade acadêmica; abre-se, desse modo, a oportunidade de alcançar um público mais amplo e democratizar sua recepção. Nessa nova publicação, privilegia-se o texto de Mário de Andrade – mesmo que permeado pelo aspecto fragmentário –, de maneira a eliminar a existência de um leitor iniciado nas questões da crítica genética para compreendê-lo. Para ajudar na expressiva divulgação do volume, a FUNAG disponibilizou o livro gratuitamente, em formato digital, em seu site<sup>1</sup>; atualmente, o livro figura no catálogo de impressos da instituição, sendo possível comprá-lo a um preço módico.

Os originais de *A gramatiquinha da fala brasileira* estão salvaguardados no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), especificamente no Fundo Mário de Andrade, no arquivo do escritor, na série manuscritos, sob o código de referência MA-MMA-051. Formado por 348 fólios, o manuscrito conta com planos, notas de trabalho, esboços de textos e versões de prefácio. O modernista incorpora ainda ao dossiê cartas, bilhetes, recortes de matérias extraídas de jornais, fichas bibliográficas e anúncio de um *cabaret* paulistano. Além disso, evidencia-se no conjunto documental a presença do *Inquérito Geral Etnográfico*, ou melhor, o esboço do “Formulário das pesquisas folclóricas – Língua Nacional” que expressa “um questionário estruturado que objetiva investigar, de maneira pormenorizada, as ocorrências da língua nacional em três eixos: o vocabulário, a fonética e a sintaxe” (ALMEIDA, 2022, p. 24-25).

É relevante asseverar que as notas de trabalho predominam entre os documentos, o que revela a pachorrenta pesquisa empreendida por Mário ao longo dos anos de 1922 a 1945. O excesso

---

<sup>1</sup> Está disponível o formato digital de *A gramatiquinha da fala brasileira* na seguinte página: <https://funag.gov.br/biblioteca-nova/produto/1-1187>. Acesso realizado em: 4 mai. 2023.

de notas – em geral registradas em frágeis páginas de bloco de bolso – consegue dar materialidade – ou “provas<sup>2</sup>” – à entidade linguística brasileira capturada nas palavras, nas construções sintáticas e/ou semânticas. Por outro lado, não se identificam excertos passados a limpo por meio da máquina de escrever<sup>3</sup> ou mesmo campanhas redacionais. A exceção está nos prefácios, com ao menos três versões sempre escritas à mão. Em uma dessas, verifica-se o emprego de expressões autoinjuntivas que se configura como uma característica bem significativa do conjunto:

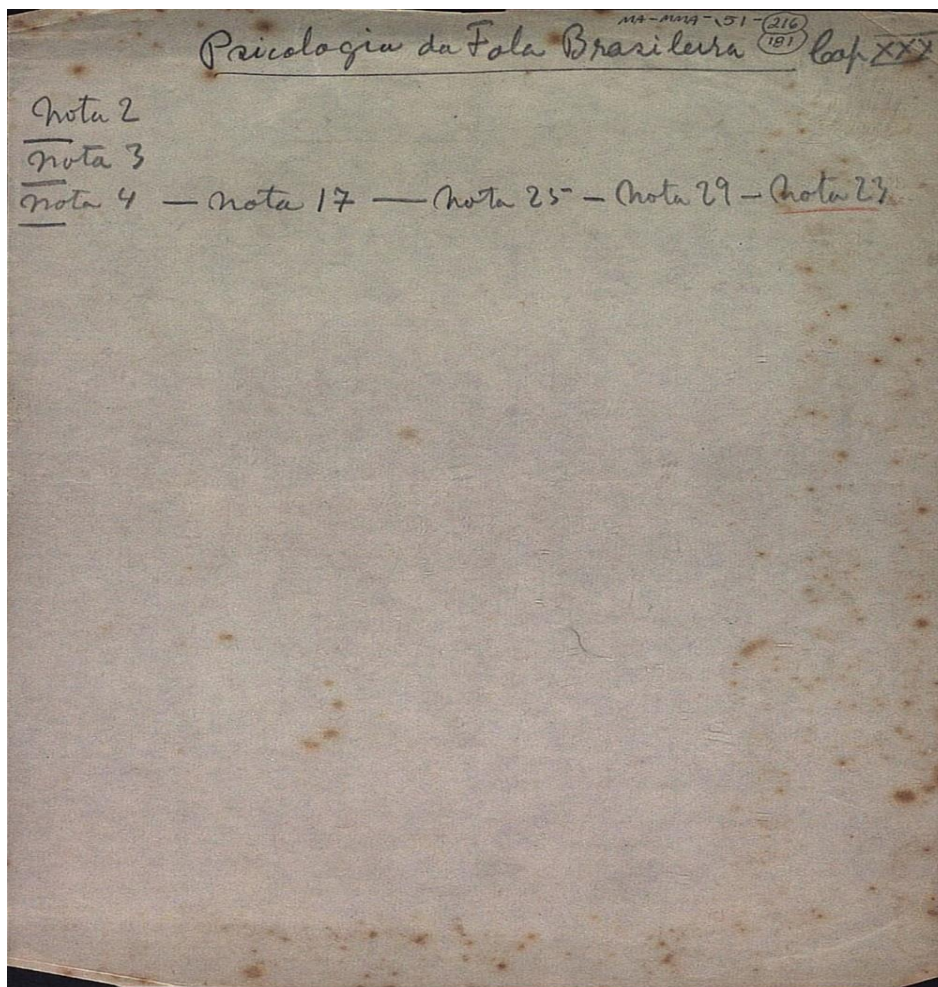
Principiar prefácio e durante o livro todo afirmar em refrão a minha ignorância da língua portuguesa – causas: clássicos ilegíveis de paus e burríssimos em geral. Dizer as exceções – elogio de Frei Luís como língua – todos eles com exceção Camões são estilos à procura de assunto e nunca acharam assunto – outras causas: deficiência de estudos escolares e em seguida a pressão da vida – defender a horas tantas os gramáticos no que, eles, têm de bom – assim ninguém espere uma gramática. O título é pra atrapalhar (ANDRADE, 2022, p. 119).

A marca autoinjuntiva manifesta a incompletude desse projeto escritural. Muitos desses lembretes para si, por meio do uso dos verbos no infinitivo (“principiar”, “afirmar”, “dizer”, “defender”), podem não se cumprir e permanecem, assim, como tarefas irrealizadas ou incompletas. A exemplo disso, convém citar uma nota numerada em que Mário faz a seguinte instrução: “(9) Na *Gramatiquinha* um capítulo sobre psicologia da fala brasileira” (2022, p. 50). Embora o verbo “escrever” esteja elipsado, identifica-se na anotação um texto autoinjuntivo, um ordenamento que não é levado a cabo, conforme se verifica na reprodução fac-similar abaixo:

---

<sup>2</sup> As notas de trabalho com exemplos de próclise coligadas são denominadas de “provas” pelo autor *Macunaíma* em seu artigo “O baile dos pronomes”: “Uma dessas dúvidas foi justamente a de que hoje vou produzir neste artigo as *provas* que ajuntei” (2022, p. 162, grifo meu).

<sup>3</sup> O uso da datilografia é diminuto no manuscrito, constam algumas fichas bibliográficas e uma matéria jornalística transcrita à máquina.



Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP – Fundo Mário de Andrade, código de referência:MA-MMA-051-216.

Como se observa, o esboço não está inteiramente em branco, pois na parte superior do fólio consta o registro autógrafo do número do capítulo e título, seguido por um conjunto de sete notas numeradas. Localizadas em uma pequena caderneta que leva em sua capa o título “Língua Brasileira 12”, essas notas numeradas constituem-se como ideias sínteses, as quais são referidas pelo autor em toda preparação dos capítulos. Nesse suporte da cadernetinha, esboçam-se ainda planos (“Índice”) e prefácios, além de notas não numeradas. Apesar da ausência do capítulo “Psicologia da fala brasileira”, o tema está dissolvido nos documentos que integram o manuscrito. Em diversos momentos, Mário enfatiza como a realidade psicológica interfere nos fenômenos linguísticos do português brasileiro, seja na escolha das estruturas sintáticas, seja na colocação pronominal. Na nota de número 29 da mesma caderneta, o autor elenca uma série de caracteres psicológicos do brasileiro:

Caracteres psicológicos do brasileiro: carinho, pegajosismo, sensualidade, calor na sonoridade (escrito) verdadeira musicalidade no oral, que nem com as crianças. O caipira quando fala, sobretudo o mulato canta que nem criança. Comodismo, lentidão escarrapachada e acocorada [...] (2022, p. 57).

A incompletude n’*A gramatiquinha* não reside somente pelo emprego das autoinjunções, há outras marcas que a revelam, inclusive, como potência. Nessa direção, repousa no aspecto fragmentário da escritura do manuscrito ou, por que não dizer, no aforismático uma interessante solução encontrada pelo escritor. Se a princípio o plano da obra se encaminhava para uma vertente mais próxima à da gramática, não foi esse o único caminho escolhido. Tal orientação gramatical perde força ao longo do processo criativo, prova disso é que muitos capítulos planejados não se efetivam dentro dessa perspectiva ou mesmo deixam de ser escritos; propiciando, dessa forma, o desenvolvimento de uma escritura mais ensaística, que apresenta reflexões mais livres, aforismáticas, em tom poético, que nada lembra o projeto de uma gramática normativa. A propósito disso, o autor de *Macumáima* procura desvincular qualquer enfoque prescritivo ou tradicional que seu projeto poderia adquirir. Para ilustrar essa situação, vale mencionar um desses fragmentos, com manejo da autoinjunção, em que modernista explicita sua intenção: “Não falar nem uma vez em regras. Nem tão pouco em normas se possível. Falar só em “Constâncias” (2022, p. 120, grifo do autor).

Ademais, é pertinente sinalizar que há traços materiais no manuscrito que igualmente denotam o seu inacabamento, a saber: predominância do grafite como instrumento de escrita (lápiz preto), presença de rasuras de variada tipologia, não linearidade no espaço da página, estreitamento interlinear na escrita, diminuição do tamanho da letra na página e utilização das margens da página para escrever. Ao analisar a caligrafia de Mário nesses documentos, testemunha-se, por vezes, um processo febril da sua escrita. Sua grafia à mão – contínua e fluida – exhibe uma tentativa de não tirar o lápis do papel, gesto que poderia interromper a sistematização das ideias. Embora haja um regime passional da criação no manuscrito, tanto as notas de trabalho como os esboços são autógrafos que externam frequentemente uniformidade e boa organização, por certo consiste em um trabalho realizado na escrivania do estúdio de sua casa, localizada na rua Lopes Chaves, número 546, no bairro da Barra Funda, em São Paulo.

Preparar o manuscrito d’*A gramatiquinha da fala brasileira* para publicação, sem sombra de dúvida, exigiu uma série de critérios editoriais, entre eles destaca-se o estabelecimento de texto. Conforme pontuado, a quantidade de notas de trabalho é bastante elevada no dossiê e, por tal razão,

para elaboração do livro selecionou-se a documentação com “discussão mais assentada e um tanto desenvolvida” (ALMEIDA, 2022, p. 33). Assim sendo, minha decisão editorial foi excluir as notas de trabalho, até porque muitas abarcam conteúdos codificados de fontes de pesquisas, o que implicaria a inserção de um aparato de leitura para auxiliar na compreensão dessas anotações. Esse tipo procedimento estava fora de cogitação, uma vez que interromperia a fluidez textual, conquistada, por exemplo, com a atualização ortográfica do texto, o desenvolvimento de abreviaturas, a correção de desvios gramaticais evidentes etc. Nessa direção, acrescenta-se a conservação da estilização e das idiosincrasias empregadas por Mário, como em: “pra, pro, de deveras, deque, inda, sube, doiramento, chacra, de-cor, boca-da-noite, grupos-escolares, bom-dia, entre outras” (ALMEIDA, 2022, p. 34). No caso da caderneta “Língua Brasileira 12”, a resolução foi mantê-la integralmente na edição. Mesmo com notas mínimas e fragmentárias, esses pequenos ensaios representam *insights* norteadores que auxiliam o autor no preparo dos capítulos, como já salientado. Em suma, numericamente, a proposta editorial da FUNAG impôs uma considerável diminuição documental em relação ao manuscrito, situação que foi bem detalhada no texto “Sobre esta edição”, presente no volume.

Os apontamentos de Mário sobre a língua portuguesa falada no Brasil na sua *Gramatiquinha* discutem principalmente seu incômodo em relação à enorme dissonância que há entre a fala e a escrita. O esforço do intelectual, portanto, é encorajar que os literatos brasileiros se afastem do português lusitano, visto que soa extremamente falso na produção escrita. De acordo com o modernista, a solução se delinea no próprio universo das letras nacionais, mas é preciso ter coragem para colocá-la em funcionamento, isto é: abandonar a “Escravidão do preconceito auditivo, escravidão do preconceito tradicional, e sobretudo escravidões da preguiça e da ignorância” (ANDRADE, 2022, p. 120). A postura de Mário não denota um enfrentamento nacionalista ou antilusitano a respeito do assunto. De maneira oposta, há o reconhecimento da importância do português para a formação linguística do Brasil, porém a independência da variedade brasileira em relação à europeia já se coloca como uma realidade incontornável no cenário literário e intelectual dos anos 1920; aliás, os românticos, no século XIX, já acentuavam esse distanciamento:

A língua gramatical portuguesa adotada violentamente pelo governo e pelo pedantismo dos literatos do Brasil é uma língua linda, rica e meio virgem quando pronunciada do jeito lusitano e escrita por escritor lusitano. Falada do jeito brasileiro e gramaticalmente à portuguesa é uma coisa falsa, desonesta e duma feiura morna (ANDRADE, 2022, p. 68).



Em vista disso, Mário tenciona desnudar o problema linguístico no país a partir da estilização da fala brasileira que abarca “desde a pseudoculta [...] até a inconsciente popular. — Estilização não paulista” (2022, p. 65). Para endossar suas ideias, empreende uma vasta recolha documental de formas linguísticas que evidencia a entidade brasileira em poemas, canções, romances, cordéis, textos jornalísticos, cartas, gramáticas, estudos filológicos, além de oitivas urbanas e interioranas; em suma, reúne farta incidência da fala brasileira em textos eruditos e populares. Em posse dessa coletânea, o escritor realiza o processo de estilização em seus próprios textos, sejam literários e não literários:

[...] é incontestável que com a estilização de fala brasileira feita por mim, estilização em que além de generalização de modismos sintáticos brasileiros e ilações que tiro deles, entram ainda modismos esporádicos colhidos de pessoas que escuto, cartas que recebo, livros, jornais, anúncios etc. que leio e mais as variações e fantasias estilísticas que me são próprias...

[...]

É incontestável que com a estilização de fala brasileira que é a minha contribuição pessoal pra codificação futura do brasileiro, ninguém não me pode pegar em erro (ANDRADE, 2022, p. 59).

Em outros termos, cabe fazer alusão à carta, de 1 de dezembro de 1924, em que Mário informa a Tarsila do Amaral que a missão que efetua, desde o início dos anos de 1920, é o “abrasileiramento” dos seus escritos. Nota-se que o engajamento nessa cruzada linguística parte primeiro do próprio modernista, uma vez que sua obra se torna receptáculo dessas descobertas que faz durante suas escutas e leituras. Não à toa, nessa mesma carta à amiga, ele se serve de outra palavra para nomear o ato de estilizar, denomina-o de “tradução”. Evidentemente, a insistência em nomear de diferentes formas a estilização revela a forte tensão que há entre o português brasileiro e o europeu; manter a gramática lusitana como apoio não é mais admissível em suas práticas de escrita:

Eu por minha parte estou abrasileirando inteiramente a língua em que escrevo. Um artigo sobre Manuel Bandeira que sai no próximo número da *Revista do Brasil* tem erros enormes de português. São coisas certas em brasileiro, minha língua atual. E estou traduzindo pro brasileiro a minha conferência sobre cubismo. (AMARAL, 2001, p. 89).

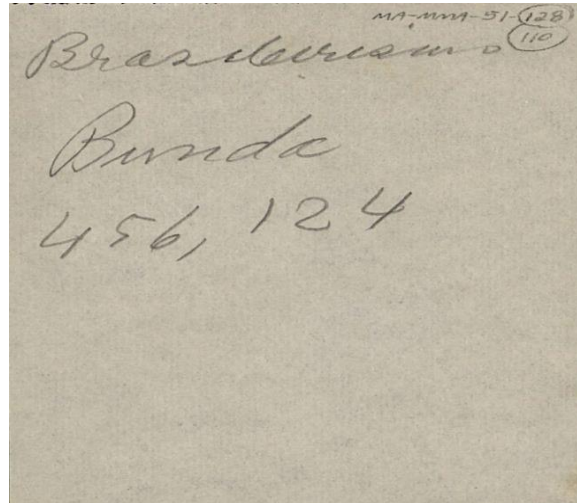
O pensamento marioandradiano sobre a língua portuguesa brasileira deixou considerável legado. As pesquisas sobre a matéria avançaram, há inúmeros especialistas que persistem no estudo

da entidade brasileira, com abundantes publicações disponíveis atualmente. Não existe mais constrangimento, por parte dos intelectuais, em defender que a língua do país é a brasileira. Os escritores e os poetas absorveram o ideário modernista em seus processos escriturais, de modo que não espelham, há um bom tempo, as gramáticas portuguesas. Nesse grupo de defesa e difusão do português brasileiro, agregam-se também os pesquisadores que se debruçam no estudo das línguas africanas e indígenas que existiram e resistiram no Brasil. Graças às investigações que se intensificaram nas últimas décadas, sabe-se que a contribuição dessas línguas para a formação do português brasileiro é maior do que simplesmente a incorporação de determinados vocábulos.

Nessa seara linguística afro-indígena, o modernista já mira interesses, os quais merecem ser aprofundados em outra oportunidade. Em todo caso, convém relatar que na coleta dos brasileirismos vocabulares, operada pelo autor de *Macunaíma*, constitui-se um grupo lexical que ressalta uma dimensão erótica. Esses brasileirismos e as demais estruturas linguísticas da fala não ficam retidas nas anotações do escritor; ao contrário, ele as assimila em sua lavra através da estilização, que é uma “trabalheira ingrata, dura e de inteiro sacrifício pessoal de organizar, codificar, qualificar, escolher, fecundar e cultivar essas plantinhas do mato pra que fiquem mais cheirando, mais brilhando e mais engrandecidas pela universalização” (ANDRADE, 2022, p. 110). Um desses levantamentos de brasileirismos ocorre por meio da leitura do livro *Coleção de observações gramaticales sobre a lingua bunda, ou angolense; e Dicionario abreviado da lingua conguesa*, de Bernardo Maria de Cannecatim, edição do ano de 1859. Na biblioteca do escritor, salvaguardada no IEB-USP, há um exemplar do volume com marcas de anotações marginais em suas páginas. Entre os termos coligidos nessa leitura, o autor destaca a palavra “bunda”<sup>4</sup> e a incorpora em sua *Gramatiquinha*, em nota de trabalho sob o título “Brasileirismo”:

---

<sup>4</sup> Mário de Andrade sublinha na publicação, a grafite, outros vocábulos que estão próximos, em termos de processo de formação, à palavra bunda, a saber: “Búmba”; “Bánda” e “Nbánda”. À margem direita da mesma página que está “Bunda”, ele escreve com o lápis preto: “Umbanda”. O termo bunda aparece em mais uma nota de trabalho do manuscrito, tendo como fonte de pesquisa um livro dedicado à literatura popular de Angola (em língua ki-bundu), traduzido para o inglês. Nesse último caso, a acepção registrada indica: *the lower (extremety)*, o baixo corporal.



Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP – Fundo Mário de Andrade, código de referência:MA-MMA-051-128

A palavra *bunda*, por exemplo, é utilizada em *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter* (1928) em duas cenas com densidade erótica. Aliás, a rapsódia, em sua totalidade, engendra o erotismo graças à estruturação de uma língua literária – resultado da estilização dos fenômenos do português brasileiro –, que inclui vocábulos e expressões obscenas e rebaixadas, como o termo em questão. A forte presença lúbrica não passa despercebida pela recepção do livro, de modo que gera censura e uma infinidade de acusações sobre o conteúdo tachado, à época, de imoral. Em virtude disso, na segunda edição da obra (1937), o autor decide suprimir um excerto que apresenta um inventário explícito de posições sexuais entre o herói e a sua companheira Ci. Eliane Robert Moraes salienta que a exclusão de tal cena pornográfica é consequência não só do processo de espinafração que o escritor sofreu com a publicação, mas de sua própria autocensura:

[...] Isso obriga Mário a assumir uma atitude ainda mais reservada e, na tentativa de evitar exposições desnecessárias, censura a passagem até mesmo para a tradutora norte-americana. Muitos anos depois do lançamento do livro, ele ainda se queixa das imputações de licenciosidade à rapsódia [...].

Em que pese o fato de estar o autor se defendendo de acusações um tanto indevidas, suas considerações revelam certa dificuldade em lidar com as repercussões do livro e, talvez, até mesmo em admitir o caráter puramente pornográfico das safadezas que ele próprio criou. Dificuldade que, por certo, não coincide com as razões de seus censores, temerosos de associar a nação ao sexo, mas remete a contingências profundas que dizem respeito à sua própria sexualidade (MORAES, 2022, p. 21).

Décadas mais tarde, em um improvável diálogo, Lélia Gonzalez (1935-1994) em seu célebre ensaio “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, divulgado pela primeira vez em 1980, por ocasião do Encontro Anual da Associação Brasileira de Pós-Graduação e Pesquisa nas Ciências Sociais no Rio de Janeiro, focaliza exatamente o vocábulo bunda. Curiosamente, nesse mesmo texto, a autora faz menção a Mário e à rapsódia:

E por falar em pretoguês, é importante ressaltar que o objeto parcial por excelência da cultura brasileira é a bunda (esse termo provém do quimbundo que, por sua vez, e juntamente com o ambundo, provém do tronco linguístico bantu que “casualmente” se chama bunda). E dizem que significante não marca... Marca bobeira quem pensa assim. De repente bunda é língua, é linguagem, é sentido, é coisa (2019, [s.p.]).

Ora, se para Lélia Gonzalez, antropóloga e ativista do movimento negro e feminista, a palavra bunda configura-se como pretoguês; para Mário de Andrade, como brasileirismo. Apesar da postura ideológica e do contexto histórico diferentes, nota-se uma confluência entre os dois intelectuais que pode ser explicada por pelo menos três razões. Primeira, as fontes de pesquisas se assemelham, eles chegam à mesma língua africana bunda (mbunda) para identificar a origem do vocábulo; segundo, na visão dos autores, contempla-se o aspecto erótico de bunda; terceiro, ambos apregoam, cada um a seu modo, a libertação da língua portuguesa falada no Brasil. Mário, assim como Lélia, já articula um pensamento decolonial e, por conseguinte, procura disseminá-lo em sua produção.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. **A gramatiquinha da fala brasileira**. Organização de Aline Novais de Almeida. Brasília: FUNAG, 2022.

ALMEIDA, Aline Novais de. Mário de Andrade e o arquivo da fala brasileira. In: ANDRADE, Mário de. **A gramatiquinha da fala brasileira**. Organização de Aline Novais de Almeida. Brasília: FUNAG, 2022, p. 17-32.

AMARAL, Aracy (Org.). **Correspondência Mário de Andrade & Tarsila do Amaral**. São Paulo: Edusp; Instituto de Estudos Brasileiros, 2001.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019 [e-book].

MORAES, Eliane Robert. **O dito pelo não dito**. In: \_\_\_\_\_. A seleta erótica de Mário de Andrade. São Paulo: Ubu, 2022, p. 9-58.